



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS – GEOGRAFIA

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE GRAJAÚ

CLERES TORRES DA SILVA

**DESIGUALDADE RACIAL E DE GÊNERO: Uma análise do contexto social da
mulher negra no município de Grajaú-Ma, bairro Aeroporto**

GRAJAÚ-MA

2024

CLERES TORRES DA SILVA

**DESIGUALDADE RACIAL E DE GÊNERO: Uma análise do contexto social da
mulher negra no município de Grajaú-Ma, bairro Aeroporto**

Trabalho apresentado ao curso de Graduação de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/ Geografia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Grajaú, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas com Habilitação em Geografia.

Orientador: Mônica Ribeiro Moraes de Almeida

GRAJAÚ-MA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Cleres Torres da.

DESIGUALDADE RACIAL E DE GÊNERO: : uma análise do contexto social da mulher negra no município de Grajaú-MA, bairro Aeroporto / Cleres Torres da Silva. - 2024.

54 p.

Orientador(a): Mônica Ribeiro Moraes de Almeida.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú-ma, 2024.

1. Desigualdade Racial. 2. Gênero. 3. Mulher Negra. 4. Grajaú-ma. I. Ribeiro Moraes de Almeida, Mônica. II. Título.

CLERES TORRES DA SILVA

**DESIGUALDADE RACIAL E DE GÊNERO: Uma análise do contexto social da
mulher negra no município de Grajaú-Ma, bairro Aeroporto**

Trabalho apresentado ao curso de Graduação de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/ Geografia-da Universidade Federal do Maranhão, Campus Grajaú, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas com Habilitação em Geografia.

Orientador: Dr. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida

Aprovada em: 08/01/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Monica Ribeiro Moraes de Almeida (UFMA/Grajaú)
Orientadora

Prof. Dra. Karina Almeida de Sousa (UFMA/Grajaú)
Examinadora

Prof. Dra. Rosimary Gomes Rocha (UFMA/Grajaú)
Examinadora

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ser meu guia, meu refúgio, minha fortaleza, meu amparo em todos os momentos da minha vida, por ter me dado forças para chegar até aqui, por não ter me deixado desistir nos momentos de angústia e cansaço. Toda honra e toda glória seja dada ao Senhor.

Agradeço à todas as pessoas que me apoiaram diretamente e indiretamente nessa caminhada, especialmente a minha mãe Antonia Torres, mulher de uma fortaleza e fé enorme, que sempre me incentivou e não mede esforços para me ajudar, ao meu pai Raimundo Nonato, que sempre esteve presente, aos meus irmãos Clessio Torres e Cleiton Torres, que sempre estiveram ao meu lado, unidos e dando força.

Deixo também meus sinceros agradecimentos a minha orientadora e professora Dr. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida, uma profissional inspiradora para mim. E, não poderia deixar de agradecer ao meu grupo de amigos que a faculdade proporcionou, pois sem eles essa jornada não seria fácil.

Agradeço imensamente a todo corpo docente da Universidade Federal do Maranhão, que fizeram parte dessa jornada e, desempenharam suas funções com profissionalismo e dedicação.

“Toda a glória seja a Deus que, por seu grandioso poder que atua em nós, é capaz de realizar infinitamente mais do que poderíamos pedir ou imaginar. A ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus por todas as gerações, para todo o sempre! Amém.” (Efésios 3:20-21)

Não fomos vencidas pela anulação social
Sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial
O sistema pode até me transformar em empregada
Mas não pode me fazer raciocinar como criada
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o
machismo
As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o
racismo
Lutam pra reverter o processo de aniquilação
Que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão
Não existe lei maria da penha que nos proteja
Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza
De ler nos banheiros das faculdades hitleristas
Fora macacos cotistas
Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão

Luiza Yara Lopes Silva (Yzalú), mulheres negras

RESUMO

Este trabalho trata sobre a desigualdade racial e de gênero em relação ao contexto social da mulher negra no município de Grajaú-MA, especificamente, no bairro Aeroporto, considerando os obstáculos que a mulher negra sofre em busca de seu avanço e sua introdução em meio a sociedade. Diante disso, o presente trabalho conceitua desigualdade, raça e gênero, que são categorias relevantes para compreender a situação das mulheres negras, conceitua também o feminismo negro para poder entender sua importância na luta por igualdade. Tendo como objetivo caracterizar e entender a condição da mulher negra. A metodologia adotada foi a pesquisa etnográfica, com abordagem qualitativa e método de observação, usando-se de questionários e entrevistas semiaberta e semiestruturada. Por meio do estudo realizado, foi possível analisar os fatores sociais que afetam a vida destas mulheres do bairro estudado, identificando a necessidade de ter um movimento feminista dentro do município.

Palavras-chave: Desigualdade racial; Gênero; Mulher negra; Grajaú-Ma

Abstract

This work addresses racial and gender inequality concerning the social context of black women in the municipality of Grajaú-MA, specifically in the Aeroporto neighborhood, considering the obstacles that black women face in their pursuit of advancement and integration into society. In light of this, the present work conceptualizes inequality, race, and gender, which are relevant categories for understanding the situation of black women. It also defines black feminism to understand its importance in the struggle for equality. The objective is to characterize and understand the condition of black women. The methodology adopted was ethnographic research, with a qualitative approach and observation method, using questionnaires and semi-open and semi-structured interviews. Through the study conducted, it was possible to analyze the social factors that affect the lives of these women in the studied neighborhood, identifying the need for a feminist movement within the municipality.

Keywords: Racial inequality; Gender; Black woman; Grajaú-MA

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. DESIGUALDADE RACIAL E DE GÊNERO NO CONTEXTO ATUAL | 14 |
| 2.1 Desigualdade: um desafio contínuo | 18 |
| 2.2 Conceitualizando raça e sua influência na sociedade..... | 20 |
| 2.3 Gênero e sociedade: Desafios contemporâneos..... | 21 |
| 2.4 Feminismo Negro..... | 22 |
| 2.5 A condição da mulher negra no Brasil | 24 |
| 3. CONTEXTO SOCIAL DAS MULHERES NEGRAS DO BAIRRO AEROPORTO | 29 |
| 3.1. A mulher negra do município de Grajaú-Ma, bairro Aeroporto | 30 |
| 3.3 A Luta e a Resistência da Mulher Negra | 45 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 52 |

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a desigualdade racial e de gênero em relação ao contexto social da mulher negra no município de Grajaú, bairro Aeroporto, na qual, ao olhar a sociedade atual, tanto do município, como do Brasil, pode-se notar que ainda existe uma grande diferença e preconceito, seja no meio social, econômico ou político, e essa desigualdade é profundamente enraizada na história do Brasil e se manifesta no município de Grajaú.

A pesquisa tem como objetivo identificar a percepção de mulheres negras do bairro Aeroporto, do município de Grajaú-Ma, com relação a desigualdade racial e de gênero, e sua inserção em meio a sociedade. Tendo como objetivos específicos; analisar a desigualdade racial e gênero no contexto atual; caracterizar mulher negra do bairro Aeroporto, na sociedade de Grajaú; investigar se existe um movimento feminista negro no município.

O papel da mulher vem mudando ao longo do tempo e da história, com muitas lutas e movimentos sociais, mas percebe-se, que as mulheres ainda continuam sendo vítimas de agressões, violências tanto físicas, como moral, sexual, verbal, patrimonial e entre outras. Mesmo após anos terem se passado e terem conseguido várias conquistas, falta valorização e reconhecê-las enquanto sujeitas de suas histórias.

Ao voltar o olhar para a mulher negra, nota-se que as diferenças são muito maiores, o que instiga a questionar o porquê dessa dissemelhança, a contestar os fenômenos sociais e entender como o feminismo negro, pode ser um caminho para a efetivação da igualdade, já que ele é um movimento teórico, político e social protagonizado somente por mulheres negras que busca uma maior visibilidade às pautas desse grupo, pois ninguém pode falar melhor delas, do que elas próprias.

No município de Grajaú, observar-se tanto no meio político, quanto no mercado de trabalho, a ausência de mais mulheres negras em lugares de destaque. Muitas vezes são vistas com olhares de desprezo, discriminações, vivendo em situações de maior vulnerabilidade, tendo trabalhos desvalorizados. Percebe-se que poucas pessoas, em

Grajaú, buscam por uma maior visibilidade as necessidades desse grupo, apesar de algumas serem reconhecidas e estarem ganhando seu espaço na sociedade.

Assim, tendo em vista que a sociedade tem enraizado o racismo, o machismo, sexismo e o patriarcalismo, onde o homem desde o início ocupou o espaço público, espaços mais valorizados, a pesquisa parte da problemática; qual o contexto social das mulheres negras do município de Grajaú-Ma, do bairro Aeroporto e seus obstáculos da ascensão social para a sua inserção na sociedade?

A aproximação pela pesquisa surgiu a partir de observações e pesquisas realizadas ao contexto social das mulheres negras, onde segundo dados da quarta edição da pesquisa “Visível e invisível” (2022) sobre a vitimização de mulheres, são as mulheres negras as maiores vítimas em casos de violência, formando os grupos que enfrentam as piores condições e diariamente sofrem discriminações, sendo alvo dos mais diversos tipos de preconceitos, seja pela sua cor, raça, gênero, por seu cabelo e etc., violando os preceitos legais. Apresenta as maiores chances de analfabetismo, pobreza e menores chances de escolaridade, com pouca representação nos poderes legislativos e executivo, e quando se tem alguém que lhes representa corre o risco de ter uma participação irrisória na política, de discriminações, desprezo ou preconceito. Visto que desde cedo, a mulher negra e toda população negra, foram marginalizados por não ser mais um igual, por não ser o padrão ideal, já que a sociedade, de certa forma, endeusa o branco.

A presente pesquisa justifica-se com base no contexto atual da sociedade e do município de Grajaú, em que ver-se que a desigualdade racial e de gênero com a mulher negra, ainda se faz presente no meio social, vendo a luta diária dessas mulheres, através dos movimentos feminista negros, no mercado de trabalho, no meio político, lutando para serem reconhecidas, valorizadas, serem aceitas do seu jeito, em um espaço machista e sexista que tem como padrão ideal o branco e por ver que no município não se nota a presença de movimentos feministas, tanto o feminismo negro ou o feminismo tradicional.

A pesquisa teve como foco a mulher negra do município de Grajaú-Ma, especificamente, do Bairro Aeroporto, o qual é o bairro que resido desde o meu nascimento. Para a operacionalização dessa pesquisa, utilizou-se como suporte

metodológico a pesquisa do tipo etnográfica, com abordagem qualitativa. De acordo com Ataídes, Oliveira e Silva (2021) a pesquisa etnográfica, é uma metodologia das Ciências Sociais que foca em estudar a cultura e o comportamento de determinados grupos sociais. Nesse tipo de pesquisa, envolve a imersão do pesquisador no ambiente do grupo que será estudado, permitindo uma compreensão aprofundada dos costumes, crenças e práticas culturais.

A pesquisa de caráter qualitativo, segundo Marconi e Lakatos (2003), é uma abordagem investigativa que busca compreender fenômenos sociais e comportamentais, a partir de uma perspectiva subjetiva e profunda, foca em aspectos como significados, crenças, valores e relações humanas. A presente pesquisa usa-se também, o método de observação, que é uma técnica de coleta de dados que envolve uma observação sistemática e minuciosa de comportamentos, fenômenos e eventos em seu espaço natural.

Utiliza-se de pesquisa bibliográfica, fazendo uso de obras de autoras negras engajadas no feminismo negro, como Ângela Davis (1981) que aborda desde o comércio de escravos e os movimentos abolicionistas, Lélia Gonzalez (1982) que foi fortemente influenciada por Ângela Davis e adapta às realidades sociais e culturais do Brasil, escreve em um período de transição política e social, Sueli Carneiro (2011) foi influenciada por ambas citadas, e aborda como o racismo e o sexismo têm estruturado as relações sociais, políticas e de gênero no Brasil, Djamilia Ribeiro (2018) influenciada pelos escritos e ativismo dessas três feministas citadas, e usa essa base para abordar questões modernas de racismo e feminismo e entre outras. Assim, o trabalho parte da noção de classe trabalhada pela noção de interseccionalidade trabalhado por essas feministas.

Como ferramenta de coleta de informações, fiz uso de questionários e entrevistas com um grupo de dez mulheres negras e pardas, que foram selecionadas a partir de observações e por fazerem parte desse grupo que vivem em situação de vulnerabilidade, que aceitaram participar da pesquisa, sendo preservada suas identidades, pois optaram por não serem revelados seus nomes, sendo respeitada sua privacidade. Sendo assim, observei a realidade das mulheres negras do bairro com a finalidade de entender a atual situação desse grupo.

As mulheres do bairro Aeroporto que participaram da pesquisa, são pessoas que tem uma história de vida marcada por lutas, que estão lutando diariamente para terem melhores condições de vida e tem uma resiliência impressionante frente às adversidades. São mulheres que já sofreram algum tipo de preconceito, olhares de desprezo, que são marcadas por estereótipos e que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Mulheres essas, que apresenta dificuldades com escolaridade e emprego, algumas tem empregos fixos e outras trabalham de diaristas, domésticas ou não trabalha, ocupando posições de menor remuneração e enfrentando dificuldades para ascender economicamente. Têm menos acesso a recursos financeiros, enfrentam desafios no acesso à educação, pois tiveram que deixar a escola para trabalhar, para cuidar dos filhos ou porque se sentiram desmotivadas devido as situações que vivem e por serem vistas com olhares de discriminação, o que limitam suas possibilidades de progresso profissional e social.

Dessa forma, o presente trabalho está estruturado em quatro capítulos: No primeiro capítulo, trabalhei explanando do que se trata a pesquisa, qual o objetivo, metodologia e justificativa. O segundo capítulo, é constituído por uma revisão bibliográfica de trabalhos que aborda a temática, apresentando os conceitos de desigualdade, raça, gênero, feminismo negro, que são conceitos fundamentais para entender a desigualdade racial e de gênero presente na sociedade, também tratará da condição da mulher negra no país. O terceiro capítulo, tratará do campo, o momento de trazer as respostas do questionário que foi aplicado às mulheres negras do bairro Aeroporto, situando o município e caracterizando as mulheres do bairro. O quarto capítulo, reiterarei a importância da pesquisa, retomando os objetivos e analisando se foram alcançados.

Por fim, é importante destacar que não é uma tarefa fácil analisar e explorar a complexidade enfrentadas pelas as mulheres negras no contexto brasileiro, muito menos em um bairro periférico do município de Grajaú, no estado do Maranhão, mas é relevante trabalhar essa temática.

2. DESIGUALDADE RACIAL E DE GÊNERO NO CONTEXTO ATUAL

Neste capítulo, faz-se uma revisão bibliográfica de trabalhos que trata sobre a temática de desigualdade, também conceitua-se os termos desigualdade, raça e gênero, que são categorias importantes para entender o contexto social das mulheres negras do Bairro Aeroporto, do município de Grajaú- MA. Conceitos esses que são eixos estruturantes da base da desigualdade social no país, porque estão na raiz da existência e reprodução das condições de pobreza e exclusão social presente na sociedade. Conceitua-se o feminismo negro e também tratará sobre a condição da mulher negra no contexto geral do país.

Sueli Carneiro (2011) em seu livro “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”, traz demandas, fracassos, encaminhamentos de projetos e avanços que dão visibilidade e representatividade à população negra, buscando articular temas evidentes às pressões do movimento negro, por espaço político e social, apresentando o dia a dia opressivo que está presente na educação, saúde, acesso a emprego e habitação, mostrando que a população negra continua lutando por acesso igualitário. No que se refere ao gênero, apresenta complicações que essa população passa, especialmente as mulheres negras, na qual, se a pessoa negra for uma mulher, o quadro é pior, ganhando metade do valor que uma mulher branca e o trabalho doméstico foi o lugar que a sociedade destinou as mulheres negras desde a época da escravidão.

A obra supracitada de Djamila Ribeiro (2018) apresenta análises e reflexões do dia a dia em que a junção de gênero, classe e raça/etnia se manifestam e interferem na vida da população negra. É uma obra que busca tornar perceptível os fios que sustentam o funcionamento desigual da sociedade, fazendo referência na produção intelectual de outras mulheres, especialmente negras, que têm sustentado o feminismo negro.

Ângela Davis (1981) no livro “Mulheres, raça e classe” traz o tema da opressão e seu sistema interligado (raça, gênero e classe), sendo percebido pelo olhar marginal das mulheres negras, posicionando essas mulheres como protagonistas de suas histórias, nos capítulos as opressões de raça, gênero e classe são vivenciadas simultaneamente pelas mulheres negras revelando dificuldade que é, para elas, eleger uma opressão específica como a mais importante.

O livro de Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg, *Lugar de Negro* (1982), traça um panorama dos problemas sociais mais intensos do país, raça e classe, trazendo as relações entre desigualdade e raça, sintetizando pontos importantes da questão racial no Brasil, apresentando também o processo de consolidação do movimento negro no país, analisando os principais aspectos acerca da configuração do racismo e das desigualdades no Brasil.

No artigo: “As mulheres negras e o enfrentamento ao racismo no Brasil: elementos introdutórios” (2019) de Talita Teixeira de Paiva e Ana Paula Silva Campos, apresenta os elementos introdutórios para o enfrentamento do racismo no país, levando em conta o recorte de gênero, trazendo o contexto da vida da mulher negra na sociedade brasileira, mostrando que as mulheres negras, são duplamente atingidas pelas desigualdades de raça e gênero, e que buscam resistir às diversas violências oriundas de sua condição subalternizada na sociedade. Mostra como a situação das mulheres negras é uma das mais complexas formas de discriminação, notando uma grande desigualdade social, racial e de gênero presente em meio a sociedade, onde essas mulheres apresentam uma demanda diferente na sociedade, o que se faz necessário um feminismo voltado para as questões desse grupo.

No artigo: “Mulher negra e seus desafios nos tempos atuais” (Nascimento et al., 2019), aborda os tempos atuais da mulher negra e seus desafios, buscando observar a discussão de suas tendências e de seus dilemas contemporâneo, que por ser mulher e negra, apresenta um caminho maior e difícil na luta para conquistar seus direitos em meio a sociedade, em favor da superação racial e de gênero, sendo sujeita a sofrer discriminações e preconceitos.

Na obra: “A mulher negra, educação e trabalho: uma realidade desigual na sociedade brasileira” de Daniele Aderaldo de Oliveira (2019) traz uma discussão sobre as desigualdades, especialmente sobre classe, gênero e raça, que decorrem o contexto das mulheres negras, que se vinculam ao acesso à educação superior e também ao mercado de trabalho. Assim, a presente pesquisa se difere dos trabalhos, pelo fato de se tratar, especificamente, da análise das mulheres negras de um bairro da cidade de Grajaú-Ma e olhando o seu contexto social, sobre o olhar delas próprias.

No entanto, ao falar sobre a desigualdade racial e de gênero no contexto atual, é preciso ter em mente que o direito a igualdade no Brasil, está previsto no *caput* do artigo 5º da Carta Magna de 1988, contemplando práticas discriminatórias relativas à raça, gênero ou cor, que não pode ser levada em consideração, pois perante a lei todos são iguais. Entretanto, apesar do direito à igualdade está presente neste artigo desta constituição, ainda não se sente verdadeiramente esse direito à igualdade no meio social e, entre a realidade e a lei existe um certo descompasso, pois ainda permanece desigual, sendo marcado por discriminações e a mulher negra segue sendo vítimas de práticas preconceituosas, sendo alvo de ataques, seja de gênero ou de cor, lidando com uma desigualdade profunda que é marcada por formas de discriminação.

Quando observar-se a questão da desigualdade racial e de gênero, atualmente, na sociedade, verifica-se que é um problema sério em todo o mundo, complexo e multifacetado, possui raízes históricas e sociais profundas. E, em mais de 100 anos após a abolição dos escravizados ainda se percebe uma sociedade racista e que menospreza, especificamente, as mulheres. Ao olhar na história a libertação dos escravizados, percebe-se que não teve políticas eficientes de integração social e econômica, o que deixou uma boa parte da população negra à mercê de uma sociedade que as elites brancas ainda dominavam.

Na obra de Célia Azevedo (2004), ela realça o impasse que foram enfrentados pela aristocracia da época, que era o de saber o que fazer com a população negra após a abolição e essa apreensão mostra como a sociedade estava altamente adaptada na estrutura da desigualdade racial.

No que se refere ao gênero dentro da questão racial, repara-se que as mulheres negras levam consigo uma soma de opressões do racismo e machismo, com descréditos da classe social, assim, Carneiro destaca como a conjugação do racismo e sexismo produz sobre as mulheres negras um tipo de submersão grupal:

[...] conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à Saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida Menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas, em um menor índice de

casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração. (CARNEIRO p. 127-128, 2011).

Essa condição posiciona a mulher negra em maior contexto em relação a desigualdade, em comparação aos outros âmbitos da sociedade. Segundo o censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística), em 2022, a população negra (pretos e pardos), constituem 71% das pessoas que vivem em condição de extrema pobreza no Brasil e as mulheres negras segundo os dados do relatório “Situação de Jovens negras no mercado de trabalho”, que foram obtidos por meio de cruzamento de dados do terceiro trimestre de 2023 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), divulgada pelo IBGE, aponta que elas recebem salário 47% menor que a média da população brasileira, ou seja, recebem menos da metade do salário, mesmo exercendo funções semelhantes ou até mesmo iguais. E, ainda de acordo com o IBGE, entre os 10% da população com os maiores rendimentos, apenas 27,7% são pretos ou pardos, sendo que estes também correspondem a 64% dos desempregados no Brasil.

Sueli carneiro (2019) cita que “o racismo cria uma hierarquia associado à questão de gênero, que coloca a mulher negra em situação de maior vulnerabilidade social” (pág. 163). Com o racismo se cria uma dinâmica onde as mulheres negras estão mais suscetíveis a diversas formas de opressão e desvantagens.

Esse duplo preconceito, de raça e de gênero, é sofrido pela mulher negra e ser uma mulher negra no país, no Brasil, significa, enfrentar obstáculos que outros grupos não enfrentam, pois essa questão do racismo e do machismo carrega um peso histórico que formam um sistema de preconceito na sociedade, levando as mulheres negras ficarem longe de serem prioridades e apesar de anos terem se passado, desde a abolição da escravatura, ainda é possível observar indicadores de uma sociedade racista e machista.

É possível observar que nas últimas décadas ocorreram mudanças, transformações tanto sociais, como também políticas e econômicas, o que permitiu um novo olhar para a organização da sociedade e mostrando a verdadeira fonte das desigualdades existentes no meio da sociedade e ao falar desse assunto no século XXI pode soar como uma ofensa, após anos de lutas, avanços e conquistas sociais. Mas,

apesar da sociedade ter passado por diversas mudanças, ainda nota-se que ela carrega a desigualdade e uma superioridade dos homens em relação às mulheres.

Essa desigualdade racial e de gênero se faz presente na sociedade, levando desvantagens econômicas, políticas e sociais para as pessoas que são alvos de discriminações diariamente. E, pode ser manifestada através do baixo número de representatividade em posições de lideranças, na desproporção de salários, na falta de acesso à educação, saúde, ao emprego de qualidade e etc.

O painel de Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, do IBGE (2020), mostra números que comprovam isso, mostrando as grandes diferenças entre os rendimentos das pessoas brancas, pardas e pretas no país. Porém, ainda existe muitas pessoas que acreditam que essas desigualdades, racismo e machismo, não existem no Brasil e segundo Djamila Ribeiro, no seu livro “Quem tem medo do feminismo negro?”, as pessoas negam a existência desses fatos, compactuando com a violência:

Continuar no achismo apesar da desigualdade latente sendo mostrada é concordar com essa desigualdade. Negar a existência de fatos sociais e ridicularizar lutas históricas por equidade não é dar opinião, é compactuar com a violência. Fora isso, ainda há os que confundem liberdade de expressão com discurso de ódio. Um indivíduo dizer “Sou da opinião de que negros e gays são inferiores” não é ponto de vista diferente. (RIBEIRO 2018, p. 35)

Desse modo, é preciso reconhecer que qualquer forma de desigualdade, seja ela social, racial ou de gênero, afeta diretamente a sociedade e as relações sociais, pois impedem que haja respeito pela igualdade, democracia, liberdade e pela garantia de direitos. Portanto, em primeiro lugar se faz necessário reconhecer e valorizar a mulher, principalmente, a mulher negra, que sofre diariamente preconceito, sendo assim, é necessário que a sociedade reconheça que elas têm a mesma importância que o homem tem na sociedade.

2.1 Desigualdade: um desafio contínuo

Ao falar de qualquer tipo de desigualdade é importante entender o seu significado, de acordo com o site “Conceitos com Desigualdade”, o termo é usado para indicar o contrário de igualdade, ou seja, em outras palavras, desigualdade representa a ausência de equilíbrio entre duas ou mais partes relacionadas.

Desse modo, quando se fala de desigualdade, nota-se que existem diferentes formas de desigualdade e, a desigualdade social retrata a diferença no modelo de vida, condições de acesso aos direitos e outros membros de uma sociedade, assim, as desigualdades sociais se manifestam no ambiente econômico, gênero, escolar, racial e entre outros. A desigualdade racial é um acontecimento social que diz respeito à discrepância e injustiça organizada entre diversos grupos étnico-raciais, sendo gerações de preconceitos enraizados.

Os filósofos do liberalismo, John Locke e Adam Smith, citam que a desigualdade social faz parte da natureza humana e da forma como os indivíduos se organizam na sociedade. Para os pensadores marxistas, influenciados por Karl Marx e Friedrich Engels, a desigualdade social é resultado de um processo histórico baseado na exploração de um grupo social por outro.

O autor José D'Assunção Barros em seu artigo (2005, pág. 345) discute três conceitos fundamentais das Ciências Humanas – Igualdade, Desigualdade e Diferença, no qual, cita que a desigualdade, no entanto, não se refere a essências distintas, mas sim a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação ao outro – independentemente dos dois serem iguais ou diferentes.

Dentro desta ótica, podemos entender que geralmente o termo desigualdade, se relaciona com assuntos sociais e de ligação que tenham aproximação ao mesmo tipo de vida, acontecimentos esses que estão ligados a sociedade e que retratam a organização de hierarquias sociais, seja de distinções e diferenças entre várias classes e grupos sociais.

Destarte, essa existência de hierarquias, das organizações dentro da sociedade podem ser tanto consciente, quanto inconscientemente criadas e tendo ligação com apontar os distintos modos de conexão a direitos, como moradia, educação, saúde e alimentação.

2.2 Conceitualizando raça e sua influência na sociedade

O conceito de raça é totalmente complexo, foi e ainda é utilizado pelo senso comum para diferenciar grupos étnicos de acordo com suas características genéticas.

Ao propor falar sobre desigualdade racial e gênero, é fundamental entender e conceituar o que é raça, pois desigualdade racial, de certa forma, tem origem no termo raça, sendo necessário entender a origem do mesmo, na qual, foi usado para diferenciar humanos até meados do século XIX. De acordo com Munanga (2004), veio do latim *ratio* que significa sorte, categoria ou espécie. E ainda segundo o autor, “raça tem seu campo semântico espacial e temporal”. Já no latim passou a designar a descendência, a linhagem. Grupo de pessoas que têm ancestral e características físicas em comum.” (MUNANGA 2014, p. 17).

O conceito de raça ainda se faz como objeto de grande estudo sociológico e, com isso, surgiram teorias que se iniciaram no final do século XVIII sobre as diferentes raças humanas, para tentar justificar a ordem social. O conceito de raça, pautado no senso comum de que os seres humanos são divididos em grupos, é uma construção social que se perpetuou pelo preconceito e se relaciona como uma forma de segregação de raça e desigualdade.

Kabengele Munanga fala que o problema não está em classificar os seres humanos de acordo com características físicas, mas os europeus, criaram esta classificação como uma forma de hierarquização, assim, sendo superior a outros e, no entanto, esses conceitos caminharam em direção a um sistema de hierarquização, assim, fortalecendo o racismo (Munanga, 2014).

Fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação. (MUNANGA, 2014, p. 21-22)

Pode-se entender, que o problema de classificar a humanidade em raças vai consistir na hierarquização, pois as conceituações e classificações podem operacionalizar o pensamento dos seres humanos, assim, é nessa ideia que os conceitos caminham para um sistema de hierarquização.

Anthony Giddens (2008) descreve o conceito de raça como um “conjunto de relações sociais que permite situar os indivíduos e os grupos e determinar vários atributos ou competências com base em aspectos biologicamente fundamentados” (p.248). Entende-se, que a ideia de separação racial transcende a simples categorização de pessoas com base em suas características biológicas, pois também está ligada a diferentes formas de desigualdade social e a outros fenômenos sociais.

Dessa forma, o que leva uma dificuldade nesse conceito de raça, onde essa dificuldade se origina na ideia de que raça relaciona-se às diferenças físicas existentes na espécie humana e essas diferenças acabam sendo relativas à aparência, na qual, foi através do processo histórico que originou um encontro de raças, gerando uma imensa miscigenação.

2.3 Gênero e sociedade: Desafios contemporâneos

A desigualdade de gênero é uma das mais comuns e cabe entender e conceituar o termo gênero, e pode-se ver que possui diversas conceituações. De acordo com Costa e Lima (2015), a discussão de gênero é uma arena de constantes tensões e de diversos e distintos pensamentos e, por esse motivo, abrange questões sociais, culturais e históricas e está em constante processo de redefinição, ou seja, é mutável, em virtude das interações entre indivíduos (GROSSI, 2000). Mas, o senso comum define gênero como a diferenciação social entre homens e mulheres, e essas diferenças foram criadas, social e culturalmente, conforme os papéis sociais diferentes que foram e são capazes de criar pólos de submissão e dominação.

Gênero, dentro das relações sociais, vai ser descrito como uma classificação de masculinidade e feminilidade. O gênero se refere a forma como as relações sociais se enquadram em padrões, o comportamento que é esperado por cada sexo. Dentro desse

assunto de gênero, a filósofa e escritora Simone de Beauvoir conceitua no prólogo do seu livro, *O segundo sexo*, e ao mesmo tempo apresenta uma visão feminista:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (BEAUVOIR [1949] 1980, p.9.)

Com isso, nota-se que gênero, é um tipo de performance do que é ensinado e que se espera do comportamento do homem e da mulher na sociedade. Beauvoir não quis dizer na citação que qualquer pessoa pode se tornar mulher, mas que ser mulher na sociedade é um processo de assimilação dos padrões comportamentais, ao comportamento da mulher na sociedade, e para a mulher na sociedade é dado restrições e ao homem é dado todo tipo de liberdade.

Butler (1986) coloca um problema sobre a obra de Beauvoir de que a natureza significaria destino imutável para a formação dos indivíduos, somente mudaria o centro, fazendo a natureza apenas mudada pelo aparato cultural.

Dessa forma, Butler (1986, pág. 27) diz que a distinção entre sexo como natural e gênero como construção cultural não engloba todas as possibilidades do gênero, porque para categorizar gênero, o sexo seria o fator principal, ou seja, o gênero como uma construção cultural não captura as profundidades das identidades de gênero.

Portanto, entende-se que a distinção de gênero e sexo é inadequada, pois tanto o gênero e o sexo são moldados por uma diversidade de fatores que estão inter-relacionados, que incluem corpo, cultura, relações sociais, práticas discursivas ou autoidentificação.

2.4 Feminismo Negro

Ao falar de desigualdade racial e de gênero, é importante entender o que é o feminismo negro, já que ele surgiu como forma de dar voz para as mulheres negras e demandar suas necessidades.

O feminismo negro é um movimento social e político que busca abordar as interseções entre raça, gênero e classe, destacando as experiências únicas das mulheres negras. Refere-se ao um movimento político e teórico, que deseja a mudança social e

compreende que o sexismo, a opressão de classes, a identidade de gênero e o racismo estão interligados. Este movimento, reconhece que as mulheres negras enfrentam opressões múltiplas e simultâneas que não podem ser compreendidas apenas através das lentes do feminismo tradicional ou do movimento antirracista isoladamente.

Destarte, o Movimento Feminista Negro, é de suma importância na história das mulheres negras, sendo, uma designação usada para denominar o movimento de mulheres ativas, seja na esfera da discussão de gênero, como na luta antirracista, focando nas particularidades dessas mulheres.

Surge enquanto perspectiva teórica, originou-se na década de 1970 nos Estados Unidos da América, por causa da insatisfação das mulheres negras, em que, não tinham suas demandas contempladas pelas falas e práticas do feminismo liberal, pois algumas feministas negras apontam que o movimento feminista tradicional e o movimento negro falham ao negligenciar as necessidades desse grupo e não estavam livres do machismo, como aponta Ângela Davis, em sua obra “Mulheres, Raça e Classe” (2016) e Lélia Gonzalez em seu emblemático livro escrito em parceria com o sociólogo Carlos Hasenbalg “Lugar de Negro” (1982).

Destacou-se como pioneiras dessa vertente Angela Davis, iniciando sua trajetória de ativismo na década de 1960, Bell Hooks começou a publicar suas obras influentes no final da década de 1970 e início da década de 1980 e Patrícia Hill Collins surgiu como uma voz relevante no feminismo negro na década de 1990. Porém, no Brasil essas demandas do feminismo negro ganham força somente dez anos mais tarde, tendo como fundamentais vozes Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Conceição Evaristo. Desse modo, de acordo com Bell Hooks, no seu livro “Teoria Feminista: da margem ao centro”:

O feminismo pode ser entendido como a luta pelo fim das opressões sexistas que atingem toda a sociedade, não apenas as mulheres. Nas próprias palavras da autora, a luta feminista deve “ser solidariamente alicerçada no reconhecimento da necessidade de erradicar os fundamentos e as causas culturais do sexismo e de outras formas de opressão social (HOOKS, 2020, p. 66).

Assim, surge com a revolta de pessoas racializadas pelo fato de não terem suas pautas em consideração. Sueli Carneiro em seu artigo (2012)”, mostra como as mulheres negras tiveram uma experiência histórica marcada por trabalhos árduos e que não são reconhecidos:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2012, p. 02)

Em síntese, o feminino negro surge como uma forma de ampliar a conceitualização histórica e de lutas dessas mulheres, que vem se defendendo, lutando e representando ao longo dos tempos. Djamila Ribeiro (2018) cita que: “O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismo negro é pensar projetos democráticos” (p. 07)”. É lutar diariamente por políticas públicas específicas para seu grupo, na tentativa de deixar a sociedade igualitária.

Nota-se que as mulheres negras continuam sendo marcadas pela divisão de classe, pelo machismo e pelo racismo. Davis (1981) traz uma reflexão interseccional, mostrando como essas categorias não podem ser analisadas separadamente, assim, entende-se que classes são construídas por pessoas, das quais, os vínculos são definidos pela ideia capitalista da produção e pelas formas de divisão racial ou sexual.

Portanto, é fato que a desigualdade racial e de gênero e o feminismo negro são temas que estão profundamente interligados e são essenciais para entender as dinâmicas sociais e políticas contemporâneas.

2.5 A condição da mulher negra no Brasil

Quando se observa a condição da mulher negra no país, e como mostra a avaliação sobre a vulnerabilidade dessas mulheres no Atlas da Violência de 2021, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), desenvolvido a partir de dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), as mulheres negras correm o maior risco de sofrer algum tipo de violência e essa violência contra elas tem particularidades. Elas estão desigualmente desprotegidas em relação a outros fatores causadores de violência, como racismo, conflitos familiares e conjugais, desigualdades socioeconômicas e etc.

O Atlas da Violência de 2021, mostra que em 2019, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras. A taxa de homicídios de mulheres não negras foi de 2,5 e a mesma taxa para as mulheres negras foi de 4,1. O que significa que o risco de uma mulher negra sofrer homicídio é 1,7 maior do que de uma outra mulher.

Pode-se observar que a situação da mulher negra no Brasil é o espelho de como as camadas sociais se organizam, onde existe um duplo preconceito, tanto de gênero e de raça, que as mulheres negras sofrem e se manifestam nas atitudes, o que leva a refletir que ser uma mulher negra no país é extremamente difícil, pois enfrentam obstáculos que os outros grupos que faz parte da sociedade não se defrontam. Ainda mais, quando se nota ainda a ideia de um padrão eurocêntrico, ou seja, baseado nos estereótipos europeus de beleza, onde as mulheres carregaram e ainda carregam a ideia de que para ser aceita na sociedade precisam se encaixar nos padrões, perdendo sua essência, se machucando para ser aceita, como cita Ribeiro (2018) “A vontade de ser aceita nesse mundo de padrões eurocêntricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém quer” (p. 14).

Olhar a condição da mulher negra no Brasil leva a fazer reflexões de como o peso histórico do machismo e do racismo constituem um conjunto discriminatório presente em meio a sociedade, apesar de anos terem se passado desde a abolição da escravatura, observar-se, muitas evidências de uma sociedade racista que diminui muitas pessoas, sobretudo, as mulheres.

É possível perceber que as desigualdades são complexas e interseccionais. Isso significa dizer que as experiências de um indivíduo não podem ser compreendidas somente por um categoria, raça ou gênero, mas sim pela intersecção de categorias múltiplas.

Carneiro (2019) aponta que para entender o lugar social, no qual, as mulheres negras ocupam, é preciso questionamentos mais complexos e completos, pois a centralidade do marcador classe, ao voltar para a situação das mulheres negras na distribuição de divisão de benefícios sociais ela cita; “contradições ainda mais arcaicas do que a luta de classes” (CARNEIROS 2019, p. 57), ou seja, estudar a situação das mulheres negras só pela “classe”, não explica o contexto social dessas mulheres. Assim,

o marcador gênero também isolado da raça e da classe, não explica as variadas violências que caem sobre as mulheres.

Lélia Gonzalez trabalha a ideia de interseccionalidade como a noção de que diferentes formas de opressão – como racismo, sexismo, classismo e outras – estão relacionadas e se reforçam mutuamente, o que cria uma experiência de discriminação única e multifacetada para grupos marginalizados, principalmente as mulheres.

Lélia Gonzalez (1988): “O chamado “racismo à brasileira” seria a denegação de nossa latinoamefricanidade que se volta contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros e negras), ao mesmo tempo que diz não o fazer” (GONZALEZ, p. 69). Nesse trecho ela trabalha interseccionalidade ao destacar a complexa cadeia de opressões que contornam raça e identidade cultural no Brasil. Discutindo o conceito de “racismo à brasileira”, onde existe uma rejeição da latinoamefricanidade – ou seja, uma identidade que mistura influências latino-americanas e africanas.

Gonzalez (1984) mostra que a complexa interseção atinge de maneira particular as mulheres negras e afirma que foram tratadas como infans “porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque é falada pelos adultos)” (GONZALEZ p. 225). Apesar de ter escrito na década de 1980, em um momento que o Brasil estava em transição para democracia, isso ainda cabe atualmente, pois mostra como as vozes de alguns grupos ainda são frequentemente desconsiderados.

Mesmo após anos, ainda se sente esse preconceito enraizado, apesar das lutas para desconstruir os padrões de beleza etnocêntricos que foram tidos como ideal, ainda se pode ver editoriais de moda que seguem fielmente esse padrão. E, observando as mulheres na sociedade, percebe-se que carregam histórias marcadas por lutas, por direitos iguais, pois a sociedade além de racista também é patriarcal, onde desde o início, prevalece relações de domínio e poder dos homens sobre as mulheres.

Segundo Sueli Carneiro (2019) “a distância entre homens e mulheres negras expressa o resultado do machismo e do sexismo presentes nos mecanismos de seleção social” (CARNEIRO, p. 57), ou seja, na hierarquia social, as mulheres negras estão em

desvantagem em relação aos homens, e essa desigualdade é resultado do machismo e sexismo existente na sociedade. Desta forma, entende-se que interseccionalidade é, uma abordagem fundamental para poder compreender a complexidade das desigualdades sociais e poder desenvolver soluções que abordem todas essas dimensões de forma integrada e holística.

Analisando na história as mulheres negras por meio da noção de interseccionalidade, observar-se que carregam um peso histórico tanto de racismo, como do machismo, que compõem uma organização discriminatória em meio a sociedade brasileira, fazendo com que essas mulheres não sejam prioridade, o que se observa há anos, que mesmo depois da abolição dos escravizados, para as mulheres negras as oportunidades de trabalho, de sustento, eram atreladas ao trabalho doméstico, de servir, do cuidado. E, ainda se nota uma sociedade patriarcal, onde as mulheres ainda são submetidas ao papel de mantimento do núcleo familiar, o que acabam acumulando tarefas que as sobrecarregam.

Além disso, a mulher negra também é vista na sociedade como “mulata”, na qual, é uma outra forma de exploração, de cunho sexual, onde o corpo dessas mulheres é explorado para atrair o turismo, deixando de ser só fruto da relação do preto com o branco, agora passando a representar também um país que vive um lugar de felicidade racial harmonioso. Como cita Gonzalez (2020) sobre essa grande valorização do corpo “mulata” que tem no carnaval seu ápice de valorização, reforça ainda mais um velho ditado racista: “branca para casar, mulata para fornicar e preta para trabalhar” (GONZALEZ, p 154). Essa valorização do corpo “mulata” é vista Carnaval após carnaval, o que se ver muitos utilizando-se dessas práticas racistas, levando essa ideia preconceituosa em meio a sociedade querendo perpetuar essa ideia de que essas mulheres só servem para isso.

Ribeiro (2018) fala sobre os estereótipos como o da Globeleza que mostra essa valorização do corpo “mulata” e traz uma crítica a esse termo:

Sendo assim, trata-se de uma palavra pejorativa para indicar mestiçagem, impureza, mistura imprópria, que não deveria existir. Empregado desde o período colonial, o termo era usado para designar negros de pele mais clara, frutos do estupro de escravas pelos senhores de engenho. Tal nomenclatura tem cunho machista e racista, e foi transferida à personagem Globeleza. A adjetivação

“mulata” é uma memória triste dos mais de três séculos de escravidão negra no Brasil. (RIBEIRO, p.99)

Sofrem um duplo preconceito, sendo alvos de críticas diariamente, recebendo críticas tanto aos seus traços físicos e ao seu cabelo (crespo/cacheado), e ainda se ver uma mídia que idealiza e exhibe um tipo ideal, um padrão ideal de beleza. O que leva a perceber que o país não respeita as pessoas do jeito que elas são, sendo preciso mudar seu cabelo, seu corpo e sucintamente se “vestir de branco” para ser o padrão ideal e ser bem vista, o que não é positivo e saudável para ninguém.

Observar-se que é o capitalismo que desvaloriza muitas pessoas, ditando, de certa forma, que umas são melhores que as outras, que tem mais vantagens. O que é necessário mudar muitas coisas ainda e para que seja possível reverter essa situação que adoce as pessoas todos os dias, é preciso fazer uma mudança mental, através do social e da educação.

Percebe-se que a condição da mulher negra é um tema complexo que está envolvido interseções de raça, gênero, classe e outras formas de discriminação. Elas são frequentemente invisibilizadas, mesmo dentro de movimentos feministas e antirracistas. “Se o objetivo é suprimir as desigualdades de gênero, o movimento feminista precisaria seguir a interccionalidade, isto é, dar visibilidade às diversas especificidades que estão presentes no ser mulher” (RIBEIRO, 2018, p. 47). E, no Brasil, essa invisibilidade é ainda mais evidente devido às raízes profundas do racismo estrutural, o que se deve considerar as diversas formas de opressões que a mulher negra periférica sofre.

Portanto, apesar de vermos mulheres negras ocupando cada vez mais espaços importantes e de liderança, os desafios ainda são enormes, o que não era para ser, pois anos se passaram na história do país, não era para existir mais esse cenário de preconceitos, discriminações, que negras e negros sofrem, tendo que batalhar o dobro para serem vistos e reconhecidos. Mas, as suas vivências, resiliência e luta diariamente inspiram mudanças tanto sociais e culturais essenciais, seja na área da educação, artes, política, empreendedorismo e, a presença e atuação das mulheres negras podem influenciar e modificar a percepção da sociedade do que é possível para pessoas negras, mostrando que são capazes de fazer tudo que quiserem. Assim, a mudança é uma alteração de estruturas opressoras e na construção de um futuro justo e igualitário.

3. CONTEXTO SOCIAL DAS MULHERES NEGRAS DO BAIRRO AEROPORTO

Nesse capítulo, volta-se o olhar para a mulher negra, especificamente, do bairro Aeroporto, do município de Grajaú-Ma, para entender a atual condição dessas mulheres e os obstáculos que enfrentam.

É desafiador ser mulher, principalmente, mulher negra no país, pois até antes do nascimento, desde a vida intrauterina são impostos limites, regras, destino, uma cor e etc. Observar-se que desde o nascimento, as mulheres são socializadas de modos distintos, ou seja, a sua educação é pautada em construções sociais de gênero, na qual, a diferença entre o homem e a mulher é baseada por diversos fatores que são impostos pela sociedade.

É possível notar que o papel da mulher e do homem é formado culturalmente, quando se volta o olhar para a situação da mulher negra na sociedade, é possível observar que é um reflexo de como as camadas sociais foram construídas e, as questões de racismo e gênero acabam sendo elementos que moldam a pirâmide social.

A discriminação na vida das mulheres negras é algo constante e ao olhar a trajetória dessas mulheres, é notório que sempre foram vítimas de racismo, de preconceito. Assim, a situação delas é bastante complexa, pelo fato de ser duplamente estigmatizada, pois envolve a questão racial e de gênero.

Desde o Couro Imperial, elas eram todas, por grande parte da sociedade brasileira, vista como objeto sexual e trabalho compacto, como cita Ribeiro (2018) “mulheres negras historicamente são tratadas com desumanidade, e nossos corpos, como meras mercadorias” (p. 38), atualmente isso não se difere muito, pois ainda permanece a herança dessas ações e percepções.

Desse modo, neste capítulo abordaremos a condição das mulheres negras do bairro por sua própria percepção, destacando a necessidade do movimento feminista negro como forma de diminuir a desigualdade racial e de gênero.

3.1. A mulher negra do município de Grajaú-Ma, bairro Aeroporto

De acordo com informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2022, a população preta e parda no Brasil totaliza 119,75 milhões de brasileiros e responde por 56% da população total, sendo 11,30 milhões de mulheres pretas e 49,3 milhões de mulheres pardas que respondem por mais de 28% da população total. E o município de Grajaú-Ma, segundo os dados do IBGE (2022) tem população estimada de 73.872, na qual, a população negra total, tanto homem como mulheres, é de 6336 (8,58%) e, a população parda é de 44,365 (60,06%) e, observando-a dentro da cidade, é notório que existe uma grande diversidade de pessoas e nota-se um grande número de mulheres pretas e pardas presente na cidade.

Grajaú é um município localizado na região centro-sul do Maranhão e dentro da sua área de influência, atrai parte dos visitantes para a logística de transportes. E, considerando as características socioeconômica do município de Grajaú-Ma, segundo os dados do site “Caravela Dados e Estatística”, mostra que o PIB da cidade é de cerca de R\$ 1,1 bilhão de reais, sendo que 37,2% do valor adicionado advém dos serviços, na sequência aparecem as participações da administração pública (24,9%), da indústria (20,3%) e da agropecuária (17,7%) e com essa esta estrutura, o PIB per capita de Grajaú é de R\$ 16,3 mil, valor inferior à média do estado (R\$ 17,5 mil) e entre os setores característicos da cidade, se destaca a atividade de extração de gesso.

Perante essa questão de desigualdade racial e de gênero, ao analisar e fazer parte da população negra do município de Grajaú-Ma, sendo uma pessoa parda, noto a carência de mais pessoas desse grupo nos lugares de destaque, pois olhando a realidade, o dia a dia, o meio político, o mercado de trabalho, nota-se que existe uma certa ausência de mulheres negras, sendo a minoria nesses espaços.

Mediante a esse cenário, ao conversar com algumas mulheres negras do bairro Aeroporto, muitas relataram que existe dificuldade de arrumar emprego de qualidade, sendo submetidas a trabalho domésticos, serviços gerais, pelo fato, de que as vagas existentes em lojas, na maioria das vezes, preferem o que julgam de padrão ideal, ou seja, o branco. Outro fato que chama a atenção ao olhar o grupo dessas mulheres e ter o contato com elas, se refere a escolaridade, algumas não terminaram os estudos, o nível

médio, pois devido as desigualdades históricas e estruturais, muitas acabaram se sentindo desmotivadas devido as condições socioeconômicas, responsabilidade domésticas, histórico de discriminações, falta de representatividade e etc.

Já quando se olha para o meio político, apesar do número de mulheres negras aumentarem na Câmara nas últimas eleições do país, a representatividade ainda é baixa e no município de Grajaú-Ma também se sente essa ausência. No atual cenário político do município, não tem nenhuma representatividade na Câmara dos vereadores, o que percebe-se que falta mais mulheres negras dando destaque as demandas desse grupo, apesar de algumas já terem tentado entrar no meio político. Nas eleições de 2020, somente 04 mulheres negras se candidataram e 15 pardas, mas não conseguiram se elegerem, pois a própria população do município não deram oportunidade de eleger uma mulher desse grupo, que lute e der visibilidade as pautas das mulheres negras, da vulnerabilidade socioeconômica existente, isso se dar devido as desigualdades estruturais e preconceitos que estão enraizados na sociedade, onde coloca a ideia que essas mulheres não saberia o que fazer dentro da câmara.

O que leva a pensar e questionar: por que as mulheres negras, principalmente, tem pouca representatividade política? De fato, é notório que a razão dessa baixa representatividade na política se relaciona as questões estruturais presentes na sociedade, o racismo e machismo.

Observando o município de Grajaú, especificamente, um dos bairros periféricos, o bairro Aeroporto, que tem esse nome pelo fato de que no bairro está situado o Aeroporto da cidade, que possui uma pista de terra, não sinalizada, e não opera-se nenhuma linha aérea na cidade, o bairro tem por características algumas ruas pavimentadas por bloquetes e asfaltos, água encanada e energia, mas, com algumas ruas ainda sem iluminação e um pouco perigoso, nas ruas escondidas tem moradores vivendo em situação de extrema vulnerabilidade. Muitas mulheres do bairro, independentemente, de cor, de raça, vivem em situações de descaso, situações de vulnerabilidade socioeconômica, dependendo somente do bolsa família, com muitos filhos para sustentar e vivendo em situações difíceis.

Mediante a isso, realizou-se uma pesquisa de campo no bairro Aeroporto, com um grupo de dez mulheres pretas e pardas que se dispuseram a responder as perguntas realizadas. As pessoas escolhidas foram todas do sexo feminino, solteiras, residentes do baixo Aeroporto, com faixa etária entre 18 e 60, na qual, aqui serão preservados seus nomes, pois não quiseram ser identificadas, assim, serão tratadas por números de 1 à 10. (Quadro 1)

Quadro 1- Identificação

| Respondentes | Idade | Nível de escolaridade | Renda/ emprego |
|---------------------|-------|-------------------------|--|
| Mulher 1 | 24 | Médio/cursando superior | 1412, auxiliar de saúde bucal |
| Mulher 2 | 50 | Médio | 2100, agente de saúde (tenho empréstimo) |
| Mulher 3 | 45 | Fundamental incompleto | Diarista |
| Mulher 4 | 27 | Fundamental completo | Não trabalha |
| Mulher 5 | 20 | Fundamental incompleto | Não trabalha |
| Mulher 6 | 28 | Fundamental completo | Não trabalha |
| Mulher 7 | 50 | Fundamental incompleto | Diarista |
| Mulher 8 | 18 | Fundamental completo | Não trabalha |
| Mulher 9 | 29 | Médio | 1412, auxiliar de saúde bucal |
| Mulher 10 | 40 | Fundamental incompleto | Diarista |

Fonte; Elaborado pela pesquisadora (2024)

Verifica-se que o nível de escolaridade de quatro delas é fundamental incompleto, três delas completaram o fundamental e três com ensino médio completo (uma está cursando superior/ farmácia). Quatro delas não trabalha, três são diaristas/domésticas, duas trabalham como auxiliar de saúde bucal e uma é agente de saúde. E duas dessas mulheres são dependentes química (usuárias de drogas e álcool e segundo elas, usam controladamente).

Entre as dez respondentes que optaram por descrever os obstáculos enfrentados na sua escolaridade, seis relataram que as responsabilidades familiares foi sua maior barreira e as quatro relataram motivos pessoais, dificuldade ao acesso a escola, pois as

escolas melhores eram longes de suas casas e também a dificuldade de conciliar estudo e trabalho. Segue a pergunta e respostas das entrevistadas.

Pergunta 1: Como foi sua experiência com a educação? Qual barreira fez você desistir? (Informação verbal)

- **Mulher 1:** “A escola era boa, mas faltavam muitas coisas. Cheguei a desistir por um tempo, porque engravidei e tive filha, voltei a estudar depois de anos, mas consegui concluir o ensino médio e agora estou fazendo farmácia.”
- **Mulher 2:** “Eu terminei o ensino médio, a experiência foi “puxada” porque eu achava cansativa, não segui nos estudos porque veio as responsabilidades de casa.”
- **Mulher 3:** “Não terminei o ensino fundamental, virei mãe cedo.”
- **Mulher 4:** “Terminei o fundamental, mas não quis continuar, por motivos pessoais.”
- **Mulher 5:** “Desistir da escola cedo, não queria estudar, virei mãe cedo, tive que cuidar da cria.”
- **Mulher 6:** “Eu só quis terminar o fundamental, porque queria curtir a vida sem ser com os estudos.”
- **Mulher 7:** “Não consegui estudar o fundamental, porque na infância morei no sertão, engravidei cedo, casei e vim para cá, depois disso não quis mais estudar.”
- **Mulher 8:** “Eu só não quis estudar mesmo, as escolas melhores era lá embaixo e aqui em cima eu não queria estudar.”
- **Mulher 9:** “A experiência na escola foi legal, terminei o ensino médio e estou pensando se faço faculdade, pois trabalhar e estudar é muito cansativo.”
- **Mulher 10:** “Não terminei, porque casei.”

O que leva a observar que apesar de ter melhoras expressivas na escolaridade das mulheres negras, é possível perceber que as desigualdades raciais na educação ainda permanecem, como mostra o relatório elaborado pelo Ministério da Igualdade Racial (MIR) Informe MIR – Monitoramento e avaliação – nº 2 – Edição Mulheres Negras, que o percentual dessas mulheres com ensino superior é de 14,70% e 29% das brancas.

No que tange autodeclaração, é possível perceber que ainda é um processo difícil para alguns indivíduos, pois podem ter dificuldades em como se autodeclarar ou em assumir a sua condição racial. Assim, é relevante saber como as mulheres negras do bairro se autodeclara. (Quadro 2)

Quadro 2- Autodeclaração

| Respondentes | Como você se identifica? No que se refere a sua cor e/ou raça? | Já teve dúvida de como se identificar (autodeclarar)? Se sim, por quê? | Para você a identificação de cor e raça leva em consideração quais aspectos? |
|--------------|--|---|--|
| Mulher 1 | Negra | Não | Cor da pele |
| Mulher 2 | Negra | Não | Cor da pele e cabelo |
| Mulher 3 | Negra | Não | Cor da pele |
| Mulher 4 | Negra | Não | Cor da pele |
| Mulher 5 | Negra | Não | Cor da pele |
| Mulher 6 | Parda | Sim, porque por ter a cor mais clara as pessoas acabam dizendo que não sou negra e isso acaba me confundindo. | Genética dos pais |
| Mulher 7 | Parda | Sim, porque eu não me considero negra por ter a pele mais clara | Genética dos pais |
| Mulher 8 | Parda | Sim, porque não sou nem muito clara para ser branca e nem muito escura para ser negra. | Cor da pele |
| Mulher 9 | Parda | Sim, por dizem que sou muito clara para parda | Cor da pele I |
| Mulher 10 | Parda | Não | Cor da pele e cabelo |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Constatar-se que houve resposta afirmativa para a segunda pergunta sobre ter dúvida de como se autodeclarar, o que mostra que essas mulheres ainda tem dúvidas ou não reconhecem em si mesmas sua identidade negra. E, com o intuito de compreender o que favorece para que as mulheres entrevistadas se identifique como negras, pesquisou-se através de questionamento realizado averiguar quais quesitos elas acreditam que sejam levados em conta no momento de se autodeclarar, assim, nesse

ponto, responderam que o quesito, cor da pele, é o que é levado em consideração, sendo o fator dominante na hora da autodeclaração. Isso pode ser visto através do relato abaixo:

Pergunta 2: Você se identifica como preta, amarela ou parda? Você acha que qual aspecto é levado em consideração para definir sua etnia? (Informação verbal)

- **Mulher 1:** “Eu sou preta, minha pele é bem escura, então acredito que a cor da pele que define minha raça.”
- **Mulher 2:** “Eu sou negra, sem sombra de dúvida, até porque minha cor da pele já mostra e meu cabelo também, pois eu aliso diariamente, mas tenho cabelo crespo.”
- **Mulher 3:** “Minha cor é preta, então nunca tive dúvidas que sou negra, pois a minha cor mostra isso.”
- **Mulher 4:** “Com certeza eu sou preta, minha cor é escura, meu cabelo é crespo.”
- **Mulher 5:** “Eu sou negra, minha cor já diz isso.”
- **Mulher 6:** “Eu tenho dúvida da minha cor, muitos falam que sou amarela, parda, acredito que isso é por causa dos meus pais, pois um é claro e outra mais escura.”
- **Mulher 7:** “Eu sou parda, eu tenho dúvida, porque sou clara para ser considerada negra, meus pais são claro, um é mais escura que o outro, mas é pouca coisa.”
- **Mulher 8:** “Apesar de eu dizer que sou parda, eu tenho dúvida de que cor eu sou, porque sou meio amarela, uns fala que sou amarela, outros que sou branca.”
- **Mulher 9:** “Nem eu sei minha cor, mas acho que é parda, a minha cor é meio clara.”
- **Mulher 10:** “Sou parda, com certeza, acredito que a cor da pele e o cabelo mostra minha raça.”

Isso leva a perceber que uma questão pode gerar muitas dúvidas e reflexões a respeito da sua identidade racial. A busca pela autoidentificação pode provocar questionamentos sobre como reconhecer a sua própria identidade. Em matéria ao Portal Geledés, Flávia Rios (2019), cita que “o colorismo é um discurso sobre as hierarquizações baseadas no critério de cor nas experiências inter e intrarraciais”, ou seja, o colorismo não nega a negritude, mas dar um pouco de vantagem a quem tem pele

mais clara. Isso reflete que o racismo que se baseia no processo de embranquecimento vai rejeitar pessoas de pele mais escura.

Nota-se que na sociedade brasileira, através da miscigenação, da mistura de povos africanos, indígenas, imigrantes europeus e asiáticos diversificou as características fenotípicas da sociedade, levando algumas pessoas a não se identificarem como negras. E, segundo uma publicação da revista *Cenarium* (2021) Tábita Hünemeier, geneticista da Universidade de São Paulo (USP) diz;

Um estudo recente com latino-americanos mostrou que a cor de pele clara nas regiões miscigenadas das Américas não se deve somente aos europeus, mas também porque algumas mutações em indígenas, vindas de populações da Ásia, contribuem para esse tom de pele. (HUNEMEIER, 221, n.p)

Isso mostra como vários brasileiros ainda tem dúvidas de como se autodeclarar, pelo fato de ter essa mistura de cores. Assim, quando volta o olhar para a sociedade brasileira, verifica-se que a mesma teve uma origem desigual, tendo em vista que existiu desde a colonização uma relação de exploração do colonizador branco, sobre os africanos e os indígenas, sendo marcada por relações de desigualdade social, étnica e cultural. E, no que se refere a cultura, pode-se observar que ela estabelece as pessoas funções de gênero, na qual, averigua a estes status sociais por situações que abrangem gênero, etnia e classe.

Portanto, é possível perceber que a miscigenação pode dificultar a identidade racial, pelo fato de que em meio a sociedade existem heranças múltiplas e diversificadas. Essa miscigenação, apesar de promover diversidade, ela também pode reproduzir racismo, pois as pessoas com tom de pele mais clara, podem ter privilégios que os outros grupos de pele mais escura não tem, apesar de ambos terem herança mistas.

Dessa forma, as mulheres negras enfrentam estereótipos negativos e a reduzem a características simplificadas que podem ser prejudiciais, pois esses estereótipos podem gerar percepções de discriminações, agressividades, hipersexualização ou inferioridade intelectual, levando as mulheres negras serem vítimas dos mais diversos tipos de preconceitos. Segue as respostas apresentadas pelas as entrevistadas. (Quadro 3)

Quadro 3: Aspectos relacionados à raça e gênero

| Respondentes | Você já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher e preta/parda? | Já vivenciou situações constrangedoras por sua cor e/ou cabelo? | Em que contexto ocorreu esse preconceito? (Caso a resposta anterior for sim) |
|--------------|--|---|---|
| Mulher 1 | Sim | Sim | Piada com um grupo de pessoas (homens) que riam da aparência de mulheres e que não conseguia fazer tal coisa que além de ser mulher, ainda era preta. |
| Mulher 2 | Sim | Sim | Com um grupo de "amigos" com comentários desagradáveis |
| Mulher 3 | Sim | Sim | Pessoas na rua (ao passar) que me olharam feio. |
| Mulher 4 | Sim | Sim | Conversa com um grupo de "amigos" que falaram que meu cabelo era ruim, que eu tinha que alisar para conseguir emprego. |
| Mulher 5 | Sim | Sim | A famosa piada de 'quando negra não caga na entrada, caga na saída'. |
| Mulher 6 | Raramente | Difícilmente | Percebo alguns momentos que me olham de um jeito diferente, por ter o cabelo mais ondulado e a pele nem muito clara e nem muito escura, como se não |
| Mulher 7 | Não | Não | Não lembro ter sofrido esse tipo de preconceito |
| Mulher 8 | Não | Não | Nunca me ocorreu essa situação |
| Mulher 9 | Não | Não | Não passei por isso |
| Mulher 10 | Não | Não | Não sofri preconceito |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Identifica-se nas respostas apresentadas pelas mulheres, que a maioria aponta que já vivenciaram preconceitos por serem mulheres negras, por sua aparência, seu cabelo. Observa-se, que o duplo preconceito, gênero e raça, podem ser vistos em grandes e pequenas atitudes, nas piadas, comentários entre amigos e desconhecidos,

que criticam o cabelo, os traços físicos e isso acontece por ainda ter um padrão ideal de beleza que valoriza o branco como ideal. Isso pode ser visto através do seguinte relato:

Pergunta 3: Você já enfrentou situações de racismo? Pode compartilhar alguma experiência e como isso impactou sua vida? (Informação verbal)

- **Mulher 1:** “Já passei por algumas situações de racismo. Uma vez estava rodeada por um grupo de homens que riam das meninas, chamando de negrinha e falava que a neguinha não sabe fazer nada, nega só sabe limpar casa.”
- **Mulher 2:** “Estava entre um grupo de pessoas “amigos” e começaram a falar que eu tinha que domar meu cabelo, que eu só vivia com meu cabelo assanhado, eu fiquei com tanta vergonha.”
- **Mulher 3:** “Uma vez estava passando por uma rua e as ficaram olhando com olhares de nojo, como se eu tivesse suja.”
- **Mulher 4:** “Falaram para passar um alisante no cabelo, porque com esse cabelo de bombril, assanhado desse jeito, não vai arrumar emprego.”
- **Mulher 5:** “Estava eu fazendo umas coisas e acabei derrubando algumas coisas e falaram que só podia ser “nega”, “nego” quando não caga na entrada, caga na saída. Isso foi tão triste.”
- **Mulher 6:** “Algumas pessoas me olham feio, outras falam que eu sou clara e tenho cabelo ruim.”
- **Mulher 7:** “Não me lembro se já passei por algo do tipo”
- **Mulher 8:** “Que eu me lembre eu não passei por isso.”
- **Mulher 9:** “Se sofrer preconceito eu não lembro. ”
- **Mulher 10:** “Não.”

No que se refere à discriminação quanto à aparência, cinco pessoas relataram algum tipo de comentário que envolve racismo, ao aspecto físico, como cabelo ou da própria cor. O que leva a perceber que a mulher negra é submetida a diferentes tipos de preconceitos na sociedade.

No que concerne aos grupos de apoio, a relação com a comunidade, se na comunidade existe alguma rede de apoio para as mulheres negras do bairro, relataram que a rede de apoio são os vizinhos, que ajudam no que é necessário. Isso pode ser visto

no seguinte relato:

Pergunta 4: Como é a sua relação com a comunidade local? Existem redes de apoio para mulheres negras no seu bairro? (Informação verbal)

- **Mulher 1:** “Minha relação com a comunidade é só com as pessoas da minha rua mesmo. Sempre tem alguém pra ajudar, ajudam com tudo.”
- **Mulher 2:** “Algumas pessoas da comunidade é legal, ajudam sempre que preciso.”
- **Mulher 3:** “A comunidade é boa. Mas, não tem uma rede de apoio de fato, tem as pessoas que ajudam sempre.”
- **Mulher 4:** “Tem algumas pessoas aqui que são unidas, sempre estão perto quando precisar.”
- **Mulher 5:** “Tenho alguns amigos que me ajudam.”
- **Mulher 6:** “Família e amigos que me dão apoio.”
- **Mulher 7:** “As pessoas daqui me arrumam diárias e me ajudam quando preciso.”
- **Mulher 8:** “As pessoas daqui que me ajudam.”
- **Mulher 9:** “A comunidade é unida, sempre estão disponíveis quando preciso.”
- **Mulher 10:** “Os vizinhos que me ajuda.”

Portanto, evidencia-se que no bairro não existe rede de apoio destinado para as mulheres negras que estão em situações de vulnerabilidade, a ajuda advém dos vizinhos, dos amigos. Nota-se que a mulher negra enfrenta obstáculos que outros grupos (brancos) não enfrentam, porque o peso histórico do racismo e machismo, criaram um sistema preconceituoso na sociedade, fazendo com que as mulheres negras não sejam prioridades. No que se refere aos aspectos socioeconômicos, segue as respostas das mulheres entrevistadas. (Quadro 4)

Quadro 4- Aspectos socioeconômicos

| Respondentes | Qual a sua necessidade hoje? | Tem filhos? | Recebe o benefício bolsa família? É seu principal provedor de sustento? |
|--------------|------------------------------|-------------|---|
| Mulher 1 | Emprego | Sim | Sim |
| Mulher 2 | Emprego | Sim | Não |
| Mulher 3 | Emprego | Sim | Sim |

| | | | |
|-----------|---------------------------|-----|-------------------------------|
| Mulher 4 | Emprego | Sim | Sim |
| Mulher 5 | Emprego | Sim | Sim |
| Mulher 6 | Alimentos | Sim | Sim, não é principal provedor |
| Mulher 7 | Alimentos | Sim | Não |
| Mulher 8 | Vestimentas | Sim | Não |
| Mulher 9 | Vestimentas | Não | Não |
| Mulher 10 | Despesas da casa em geral | Sim | Sim, não é o maior provedor |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Constata-se que o emprego ainda é o maior obstáculo, a maior necessidade que essas mulheres enfrentam, na qual, relataram que apesar de terem um emprego, ainda necessitam de um que pague melhor, pois as mesmas trabalham o dia todo e ganham mal e a que ganha melhor (agente de saúde) citou que ainda sente a necessidade de ganhar mais, pois as despesas de casa são altas. Isso fica evidente nos relatos abaixo:

Pergunta 5: Como é a sua situação de emprego atualmente? Quais dificuldades você enfrenta no mercado de trabalho?

- **Mulher 1:** “No trabalho, é aquela luta. Já passei por vários empregos, mas a maioria paga pouco e exige muito. Sempre tem aquele olhar torto.”
- **Mulher 2:** “Eu gosto do meu emprego, mas percebo olhares de desprezo, como se não gostassem de mim e preciso ganhar mais, pois as despesas de casa é grande, as coisas “tão” caras demais.”
- **Mulher 3:** “Menina, eu tenho que ficar perguntando um e outro se tem alguma diária, não posso assinar carteira para não perder o bolsa família.”
- **Mulher 4:** “Não trabalho, vivo do bolsa família.”
- **Mulher 5:** “Não trabalho, tenho bolsa família.”
- **Mulher 6:** “Não trabalho, muito cansativo ficar procurando emprego toda hora, tenho bolsa família e outra pessoa me ajuda.”
- **Mulher 7:** “Faço uns bicos de vez em quando.”
- **Mulher 8:** “Não trabalho, horrível ficar indo toda hora pedir emprego e não ser chamada.”
- **Mulher 9:** “Tenho trabalho, é bom, porque me tornei amiga do chefe, maior dificuldade é ter um aumento.”

- **Mulher 10:** “Fico fazendo bico quando dar.”

Observar-se que algumas não trabalham, vivem do bolsa família para subsidiar as despesas de casa. Segundo o IBGE (2023), as mulheres negras ocupam lugares de trabalho precários, recebendo menores salários que brancos ou homens negros: “entre todas as mulheres negras em idade para trabalhar, que somaram 50 milhões no primeiro trimestre de 2023, apenas 44% (22,1 milhões) estavam empregadas”. O que mostra que essas mulheres enfrentam barreiras múltiplas por causa da ligação existente entre o preconceito de gênero e raça.

No entanto, tendo contato com as mulheres negras do bairro Aeroporto, nota-se que muitas vivem em situações de vulnerabilidade, trabalhando de empregadas domésticas, babá e ganhando pouco, não tem a oportunidade de conseguir um emprego melhor e ganhar mais, como aponta a pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor e Raça no Brasil” do IBGE, as mulheres negras ainda recebem menos da metade do salário dos homens brancos no país e, isso é uma realidade desse grupo no município.

Com a pesquisa realizada, algumas citaram que não tiveram educação de qualidade, não conseguiram terminar o ensino médio, pois tiveram filhos cedo e tiveram que largar a escola ou também por desinteresse, força de vontade, pois muitas jovens acabaram abandonando a escola, e boa parte vive em situações de extrema pobreza e existe uma parte dessas mulheres que se tornaram dependentes químicas. Quando se anda no bairro, pode-se observar muitas mulheres/meninas negras, pardas e algumas brancas também bem novas, usuárias de drogas, sem perspectiva de vida, na qual, largaram os estudos e sem planos de voltarem para a escola.

Outro ponto que se destaca, ao ter o contato direto com esse grupo, é o fato de que a mulher preta enfrenta diversas dificuldades para conseguir o primeiro emprego, longe do ambiente doméstico e para conseguir evolução profissional, ela precisa enfrentar o preconceito, a discriminação de gênero e racial durante a contratação, além, da falta de oportunidade.

Também, a ausência de representatividade nas lojas, nas empresas enfraquece as jovens mulheres negras que procuram evoluir profissionalmente. Já para aquelas que precisam das políticas públicas, o quadro piora, pois falta o acesso a creches em período

integral e próximo do bairro tem somente uma pré-escola que disponibiliza ensino integral e não é possível atender todos que procuram, porque as vagas são logo preenchidas, também falta outros ambientes de acolhimento, o que dificulta conciliar trabalho, estudo e família.

É importante frisar que, quando falamos e observamos a introdução da mulher negra, quando se refere na força produtiva, encontra-se uma certa relutância para este segmento, porque existe uma separação tanto racial, como sexual do trabalho, o que acaba criando um sistema de triplo preconceito que as mulheres negras sofrem, enquanto classe, gênero e raça.

Angela Davis (1997) no artigo “As mulheres negras na construção de uma nova utopia” indica a inter-relação entre classe, raça e gênero, que foi indicada em 1981 no seu livro;

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 1997, apud SANCHEZ, 2022, p. 57)

Assim, Davis mostra como a interseccionalidade, ajuda a entender como as diferentes formas de opressão e discriminação se inter-relacionam e nenhuma dessas categorias (raça, classe, gênero) pode ser considerada mais relevante do que a outra, pois elas são interdependentes e influenciam a vida das pessoas de maneiras complexas e interligadas.

Durante o campo realizado, no que se refere a situação dessas mulheres nos níveis educacionais e econômicos, identifica-se níveis baixos de escolaridade, na qual, atingiram no máximo o primeiro grau. O que leva a refletir que para mulheres negras, ocuparem o ambiente acadêmico é um processo difícil, pois desestrutura o fictício nacional de que nasceram para servir, que se materializa em pesquisas como as dos trabalhos domésticos que são mais de 80% das empregadas domésticas são negras.

Djamila Ribeiro (2018) cita “mesmo sendo a maioria no Brasil, a população negra é muito pequena na academia” (p. 73), e isso leva a refletir como o racismo ainda é bastante presente no meio institucional, impedindo ainda o acesso dessa população nos espaços acadêmicos e não só nos espaços acadêmicos que é possível notar como o Brasil é racista, esse ódio, esse preconceito com a população negra existe desde que desembarcaram o primeiro navio negreiro no país.

O que nos faz perceber que as mulheres negras enfrentam desafios únicos, desafios esses que às colocam em uma posição de grande vulnerabilidade social, ocupando postos de trabalho mais precarizados, faltando para elas oportunidades, como cita Viola Davis em seu discurso após ganhar o Globo de Ouro (2015), “a única coisa que separa mulheres negras de qualquer outra pessoa é a oportunidade”. E, pode-se ver que em meio a sociedade, em meio ao bairro Aeroporto, existem muitas barreiras a serem enfrentadas, pois encontram ainda barreiras que dificultam o acesso à educação, ao mercado de trabalho e a saúde de qualidade, perpetuando ciclos de pobreza, vulnerabilidade e exclusão social.

Desse modo, é notório que os movimentos feministas é um caminho para ajudar combater e diminuir as desigualdades presentes na sociedade e, ao perguntar se no município de Grajaú-MA, bairro Aeroporto, existe alguma organização ou movimentos feministas que trabalhem em prol da igualdade para as mulheres negras, relataram que não conhece nenhuma organização ou movimento feminista que trabalhe em prol do combate a desigualdade racial e de gênero. O que pode ser visto nos relatos abaixo:

Pergunta 6: Quais iniciativas ou organizações locais você conhece que ajudam a combater a desigualdade racial e de gênero? (Informação verbal)

- **Mulher 1:** “Olha, que eu saiba, não existe nenhuma que ajuda nesse combate a desigualdade, sei que tem a secretária da mulher, mas não combate desigualdade racial e de gênero não.”
- **Mulher 2:** “Não tem movimento desse tipo, tem a secretária da mulher, o CRAS, mas não ajuda combater desigualdade racial e de gênero.”
- **Mulher 3:** “Que eu saiba, não tem nada do tipo aqui.”
- **Mulher 4:** “Não conheço.”

- **Mulher 5:** “Se tem, eu não conheço.”
- **Mulher 6:** “Não sei dizer, mas pelo o que eu vejo, não existe.”
- **Mulher 7:** “Não conheço.”
- **Mulher 8:** “Nunca vir nada desse tipo.”
- **Mulher 9:** “Tenho conhecimento da secretária da mulher e o CRAS, mas não ajuda nesse combate.”
- **Mulher 10:** “Não conheço.”

Mediante as respostas apresentadas pelas entrevistadas, verifica-se que as mesmas não tem conhecimento de nenhum tipo de organizações locais que ajudam combater a desigualdade sofrida pela as mulheres negras. Já quando perguntadas pelo feminismo negro, relataram que também não tem conhecimento de nenhum dentro do município. Isso fica evidente nos seguintes relatos:

Pergunta 7: Você tem conhecimento se existe algum movimento feminista negro no município?

- **Mulher 1:** “Não tem nenhum movimento na cidade, tem algumas mulheres conhecidas, mas no meu conhecimento não tem movimentos dentro do município.”
- **Mulher 2:** “Nunca vir, se tem, eu desconheço. Tem a secretária da mulher e o CRAS, mas não é movimento negro.”
- **Mulher 3:** “Se tem, eu desconheço.”
- **Mulher 4:** “Não existe.”
- **Mulher 5:** “Na verdade, eu não entendo muito bem o que é, mas eu nunca vir nada disso em Grajaú.”
- **Mulher 6:** “Se tem, eu desconheço.”
- **Mulher 7:** “Não tenho conhecimento sobre isso.”
- **Mulher 8:** “Não sei.”
- **Mulher 9:** “Não existe isso aqui.”
- **Mulher 10:** “Não”

Dessa maneira, não foi possível perceber através das respostas das entrevistadas, nem das observações realizadas durante a interação e vivência no bairro que exista uma

articulação política, um movimento feminista organizado em prol dos direitos das mulheres negras.

É notório a carência de organizações que olhem para as mulheres do bairro, como também é necessário ter no município um movimento feminista negro, pois percebe-se através das respostas das entrevistadas que não tem movimentos sociais que lute pela igualdade e também é necessário que tenham mais engajamento feminista, pois isso é uma luta que aborda questões de gênero, classe, raça, sendo assim, uma luta multifacetada e necessária. Como cita Carneiro (2012) que o feminismo negro luta para superar ideologias do racismo que perpetuam a discriminação racial:

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, Enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na Sociedade brasileira. (CARNEIRO, p.02)

Em síntese, Carneiro, mostra a interseção entre racismo e sexismo, como isso afeta a luta dessas mulheres, destacando a necessidade de vencer tanto as ideologias racistas, como a hegemonia masculina que propagam a desigualdade. E, a luta delas enriquece os novos contornos para o feminismo e, também, a discussão sobre questão racial, sendo necessário essa perspectiva para criar sociedades mais justas e igualitárias.

3.2 A Luta e a Resistência da Mulher Negra

Em vista ao que foi exposto, constata-se que essas mulheres negras enfrentam não só o sexismo, enfrentam também o racismo estrutural, que de acordo com Gonzalez (2020):

[...] o racismo — enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas — denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho e é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas (GONZALEZ, 2020 [1979] p. 35).

Lélia Gonzalez mostra que o racismo não é apenas um problema de preconceitos pessoais, mas um sistema ideológico e prático que estrutura a sociedade de forma

desigual. Assim, o combate ao racismo exige uma abordagem que confronte as estruturas e práticas profundas, promovendo uma mudança sistêmica. Sendo necessário, não só lutar pela igualdade e sim, pela equidade, pois equidade é o princípio de reconhecer que cada indivíduo tem necessidades diferentes e deve dar a cada pessoa o que elas necessitam, para que seja possível todos terem acesso as mesmas oportunidades, e ela busca por justiça natural, visto que, as lutas que essas mulheres enfrentam se difere das lutas de mulheres brancas, pois historicamente o acesso à educação, acesso à empregos dignos foram negados a elas, sendo várias vezes postergadas aos trabalhos domésticos.

Essa situação ainda persiste, segundo a Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, em 2023, mostra que enquanto 29% das mulheres brancas têm ensino superior completo, apenas 14,70% das mulheres negras atingiram o mesmo nível. Apesar de notar melhorias na escolaridade dessas mulheres, verifica-se que as desigualdades raciais na educação ainda são expressivas. A pesquisa aponta também 67% dos trabalhos domésticos são ocupados por mulheres negras.

Isso mostra como a desigualdade, o racismo ainda se faz presente, sendo uma construção social que está perpetuando a desigualdade e a discriminação, o que leva a refletir como a sociedade brasileira ainda perpetua esse preconceito, sendo que o Brasil é, constantemente, descrito como um país mestiço, pois tem uma rica diversidade étnica e cultural, sendo uma mistura de povos, assim, ser branco totalmente no Brasil é difícil, como cita Gabriel, O Pensador, em sua música “Racismo é burrice” (1993):

Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no Brasil somos todos mestiços, se você discorda, então olhe para trás olhe a nossa história, os nossos ancestrais, o Brasil colonial não era igual a Portugal, a raiz do meu país era multirracial, tinha índio, branco, amarelo, preto, nascemos da mistura, então por que o preconceito? Barrigas cresceram, o tempo passou, nasceram os brasileiros, cada um com a sua cor, uns com a pele clara, outros mais escura, mas todos viemos da mesma mistura.

Desta forma, entende-se que o racismo, a desigualdade racial e de gênero é algo injustificável, não tem base lógica, sendo moralmente errado e impede que tenha progresso social e econômico quando marginaliza os grupos. E, se ver que desde o início as mulheres negras desempenharam um papel relevante na resistência à opressão e a invisibilidade das mulheres negras, é uma das particularidades cruéis da sociedade

racista. E, a luta e a resistência dessas mulheres perante a desigualdade racial e de gênero, são marcadas por história de enfrentamento ao racismo e ao sexismo e, apesar dos desafios únicos que as mulheres no Brasil enfrentam, elas têm demonstrado uma grande resiliência, contribuindo bastante para a sociedade.

É nesse cenário de conquista que as mulheres negras do bairro Aeroporto podem direcionar seu foco, lutando para serem vistas, serem valorizadas. A luta pela igualdade, é uma batalha desafiadora e ainda está longe de ser finalizada. Persistir por uma sociedade igualitária, que reconheça as conquistas das mulheres negras, ainda continua sendo a luta dessas mulheres, para que seja possível promover melhores condições de vida em que não seja mais necessário enfrentar grandes desafios e obstáculos.

É fundamental expandir suas vozes, ter seus direitos defendidos, para assim, poder avançar em direção a uma sociedade tanto igualitária, como inclusiva. Isso permitirá a criação de um futuro onde todas as mulheres possam crescer e alcançar seu pleno potencial. Ribeiro (2018) cita que “cada mulher pode criar em seu espaço de atuação formas de empoderar outras” (p. 136). Isso mostra como é necessário que cada mulher possa ver uma forma de lutar e poder se colocar como ativas de mudança.

As mulheres do bairro podem enxergar os obstáculos como oportunidades para perseverar em seus sonhos e metas, mantendo-se firmes na busca por melhores oportunidades e melhores condições de vida. O acesso ao ensino superior ainda é um caminho difícil para elas, mas é um chave importante para garantir um futuro digno.

É essencial lembrar que as mulheres negras desempenharam e ainda desempenham um papel crucial na luta pela justiça social, pela igualdade ao enfrentar o machismo, sexismo e racismo, em uma sociedade onde os homens ainda detêm a maior parte do poder, seja na esfera pública, quanto na privada. Essa estrutura de uma sociedade patriarcal afeta a vida das mulheres, mas impacta principalmente as mulheres negras, reforçando a importância de sua resistência e determinação contínuas.

O que se faz necessário que cada mulher possa tentar criar ações coletivas que discuta estratégias de se apoiarem e promover uma transformação na sociedade. Como mostra Ribeiro (2018) “É promover uma mudança numa sociedade dominada pelos

homens e fornecer outras possibilidades de existência e comunidade” (p. 136). Djamila mostra como as mulheres podem lutar por igualdade e como podem buscar por seus direitos.

É relevante citar que algumas das mulheres do bairro Aeroporto desconhecem as mulheres negras como Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Ângela Davis, Conceição Evaristo, Marielle Franco e entre outras, mulheres essas que se destacam lutando por mudanças significativas. Mulheres essas, que desafiam as estruturas racistas e machistas, buscando por uma sociedade mais justa e igualitária.

Esse desconhecimento se dar pelo contexto social, de vulnerabilidade, da qual se encontram, pelo racismo, que as estruturas sociais e institucionais, tem historicamente privilegiado narrativas e contribuições de pessoas brancas, pelo patriarcalismo, que desvaloriza e invisibiliza as contribuições das mulheres em geral, e das mulheres negras em particular, pela mídia e representação que tende a perpetuar estereótipos, pela falta de reconhecimento e valorização que muitas mulheres negras não recebem, como cita; “parecemos um incomodo, e as poucas vozes negras de destaque são maquiadas, interrompidas ou roteirizadas a fim de amenizar nossa realidade ou glamorizar a favela” (RIBEIRO, 2018, p.145).

O reconhecimento e valorização das feministas negras é fundamental por razões de perspectiva interseccional, pois abordam a interação entre racismo e sexismo, possibilitando uma compreensão mais inteira das opressões que muitas mulheres sofrem e enfrentam; de resistência e história, para conhecer suas vivencias educa e inspira muitas mulheres sobre as formas de resiliência e resistência; de representatividade e empoderamento, que ao conhecer os seus trabalhos pode lhes empoderar, possibilitando modelos de resistência; de justiça social, conhece-las é ver as suas lutas por justiça social, direitos humanos e igualdade, independentemente de gênero, classe ou raça.

Portanto, o reconhecimento e valorização de feministas negras é fundamental para construção de uma sociedade que seja igualitária e benéfica para todos, apoiar as suas lutas é um passo relevante para proporcionar a igualdade tanto racial como a de gênero, e a educação também é uma ferramenta fundamental e poderosa na lutas dessas mulheres negras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa intitulada “Desigualdade Racial e Gênero: Uma análise do contexto social da mulher negra do município de Grajaú-Ma, bairro Aeroporto”, inseriu-se como trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humana/Geografia da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Grajaú.

Para tanto, a pesquisa apresentou como problema: qual o contexto social das mulheres negras do município de Grajaú-Ma do bairro Aeroporto e seus obstáculos da ascensão social para a sua inserção na sociedade?, e teve como objetivo principal identificar a percepção de mulheres negras do bairro Aeroporto do município de Grajaú-Ma com relação as desigualdades racial e de gênero e a sua inserção em meio a sociedade e, como objetivos específicos o trabalho buscou: analisar a desigualdade racial e gênero no contexto atual; caracterizar a mulher negra do bairro Aeroporto na sociedade de Grajaú frente; investigar se existe um movimento feminista negro no município.

Para embasar a pesquisa foi estruturado um referencial bibliográfico sobre o contexto social dessas mulheres negras, de modo geral e no bairro analisado, permitindo perceber como os aspectos socioeconômicos e socioculturais são capazes de determinar o contexto social das mulheres negras, na qual, dentre desses aspectos, os elementos que mais destacaram nesta pesquisa foram, a desigualdade de raça e de gênero, visto que o objeto da pesquisa são as mulheres negras do bairro Aeroporto do município de Grajaú-MA. A pesquisa de campo, foi desenvolvida com um grupo de dez mulheres negras e pardas que atuam em seguimentos do mercado de trabalho como: trabalhadoras domésticas, auxiliar de saúde bucal, agente de saúde e desempregadas, com idade entre 18 e 60 anos, com escolaridade entre ensino fundamental, graduação e rendas variadas.

A averiguação mostrou que, mediante as questões que norteiam a temática de desigualdade de raça e de gênero, revelou-se nas falas das entrevistadas que ainda sofrem preconceito e que algumas ainda se encontram em situações de vulnerabilidade socioeconômica. Perante a coleta de dados, revelou-se que características como a

aparência cabelo, cor da pele, alicerçaram preconceitos que as mulheres negras sofreram e ainda sofrem.

O objetivo geral deste trabalho foi alcançado diante das respostas das mulheres negras e pardas entrevistadas comparadas à pesquisa bibliográfica, onde foi possível identificar a percepção das mulheres do bairro analisado, notando que elas tem a percepção de que são marcadas por estereótipos e discriminações que afetam profundamente as suas vidas em várias esferas, sendo constatado que o preconceito e discriminação no bairro, assim como no Brasil, estão na maioria das vezes mascarados em atitudes quase que imperceptíveis e outros explícitos, percebendo que não conseguem atuar em certos trabalhos por sua aparência (mulher negra), ouvir piadas sobre sua cor, seu cabelo e achar que a mulher negra tem lugar só como empregada doméstica e relacionar a cor da pele com sua capacidade, sua competência.

Também foi possível alcançar os objetivos específicos, onde constatou-se que continua sendo um desafio significativo, afetando profundamente a vida das pessoas, observou-se que a caracterização dessas mulheres em meio a sociedade ainda é complexa, pois reflete uma combinação de discriminações e estereótipos, assim, observando que existe ainda muitas dessas mulheres vivendo em situações de extrema vulnerabilidade socioeconômica e, que as mesmas são caracterizadas por suas características fenotípicas e foi constatado nas falas das entrevistadas que no município não tem um movimento feminista negro e não tem conhecimento de nenhuma organização que olhe para essas mulheres. Além disso, foi percebido também, que as conquistas são várias, o que mostram que a raça, a cor da pele não tem relação com a capacidade e responsabilidade, visto que tem mulheres negras no município que atuam como agente de saúde, auxiliar de saúde bucal, professoras e entre outras.

Mediante ao exposto, a pesquisadora conclui que ainda existe um grande número de preconceito sofrido pelas mulheres negras, mas é um quadro que possui mudanças e que pode ser mudado com os movimentos feministas, dependendo da força e da união.

Tendo presente que a pesquisa foi realizada com um pequeno grupo de mulheres negras e pardas do bairro Aeroporto, entende-se que a compreensão da metodologia dos problemas em ascensão na atualidade, engloba diversos indivíduos e para que haja

mudança, é necessário que juntos possam agir na difusão da transformação da sociedade e cidadania.

Assim, pretendeu-se contribuir com a pesquisa, a compreensão do contexto social da mulher negra do município de Grajaú, do bairro Aeroporto e entender como é necessário ter um movimento social que lute por esse grupo, para no período eleitoral buscarem votar em mulheres negras que possam dar voz aos seus problemas, pois ninguém pode falar melhor delas do que alguém que entenda as suas dores, que já tenha se encontrando na mesma situação.

Por fim, conclui-se esperando que desperte o interesse das pessoas, inclusive da mulher negra, para a temática, procurando cada vez mais assuntos que envolva o tema, pois é importante saber que existe vários artigos, livros, pesquisas de feministas negras engajadas nessa luta do feminismo negro, mulheres essas que já passaram por muitos preconceitos, discriminações, desigualdades, que lutaram e lutam diariamente por seu lugar na sociedade, sendo destaque no Brasil e mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Ana Karolyne Florencio; BARBOSA, Larisse Helena Gomes Macêdo; VIONE, Katia Correa; FERREIRA, Olívia Dayse Leite; MARIANO, Tailson Evangelista; SILVA, Francicléia Lopes. **Preconceitos que se cruzam: a relação entre racismo, sexismo e valores**. SciELO Brasil, Psico-USF, 2021.

ATAÍDES, Fernanda Barros; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Anair Araújo de Freitas.** A **etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.48, p.133-147/2021.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites - século XIX**. São Paulo: Annablume, 2004.

BARROS, José D'Assunção.** **Igualdade, desigualdade e diferença: contribuições para uma abordagem semiótica das três noções**. Análise Social. 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1949] 1980, p. 9.

BUTLER, Judith. Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex. Yale French Studies, No. 72. Yale University Press, 1986, p. 35-49.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Observatório Brasil da igualdade de gênero, Brasília, v. ano 2, n. 4, p. 76-81, 2012.

CARDOSO, Claudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o Pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3):320, setembro-dezembro/2014.

CENTRO DE PESQUISA TRANSDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO. (2020). Instituto Unibanco.

CERQUEIRA, Daniel et al. Atlas da Violência 2021. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11128>. Acesso em: 10. Jan. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. Interseccionalidade. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020

COLLINS, P.H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do Empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019

Collins, P. H. (2017). Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. (Bianca Santana, Trad). Parágrafo, 5(1), 7-17. (Artigo original publicado em 2015). Recuperado de

<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>

» <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>

COSTA, T. C.; LIMA, R. L. Gênero e Tendências Contemporâneas: uma análise do Seminário Internacional “Desfazendo Gênero”. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 14, n.2,p. 416-29,2015

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

Dias Nobre, J. H., de Arruda Pereira Filho, A. M., & Galvão, V. K. . (2021). **A (IN)EFETIVIDADE DO DIREITO À IGUALDADE NO BRASIL: AÇÕES AFIRMATIVAS DIANTE DOS REFLEXOS DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL**. Caderno De Graduação – Ciências Humanas E Sociais – UNIT – ALAGOAS, 6(3), 37.FERNANDES, Edson; SOUZA, Vanessa de. A MULHER NEGRA E SUA CONDIÇÃO NA SOCIEDADE BRASILEIRA ATUAL. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, [S.l.], v. 1, n. 4, p. 47-58, july 2018. ISSN 2594-4797.

ESTUDO indica que indígenas da América do Sul descendem de povos do Pacífico. **Revista Cenarium**, São Paulo, 2 abr. 2021. Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/estudo-indica-que-indigenas-da-america-do-sul-descendem-de-povos-do-pacifico/>. Acesso em: 15 de novembro. 2024

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Pesquisa sobre a escolaridade das mulheres negras**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2023.

GABRIEL O PENSADOR. **Racismo é burrice**. In: Gabriel o Pensador. [S.l.]: Chaos, 1993. 1 disco sonoro (CD).

GROSSI, M. P. **Identidade de gênero e sexualidade**. Estudos de Gênero: Cadernos de área n. 9. Goiânia: Editora da UCG, 2000.

GONZALEZ, Lélia. HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs. P.223-244. 1984.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.º 92/93.(jan.jun.), p. 69-82.1988.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro** / tradução de Rainer Patriota. São Paulo. Editora Perspectiva. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LAKATOS – MARCONI – **FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTIFICA**. Editora: Atlas, 2003. São Paulo.

MARONEZE, Aline Rodrigues. Patriarcado, desigualdade de gênero e violência: o papel da mulher na sociedade contemporânea. *Coisas do Gênero* | São Leopoldo | v.7 n. 1 | p. 162-176 | Jan.- Jun. 2021.

MINISTÉRIO da Igualdade Racial apresenta diagnóstico sobre as mulheres negras no Brasil. Partido dos Trabalhadores, São Paulo, 27 set. 2023. Disponível em: <https://pt.org.br/ministerio-da-igualdade-racial-apresenta-diagnostico-sobre-as-mulheres-negras-no-brasil/>

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIOS, Flávia. **O que o colorismo diz sobre as relações raciais brasileiras.** Geledés, 22 jul. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-o-colorismo-diz-sobre-as-relacoes-raciais-brasileiras/>.

SILVA, Clarice de Freitas. FEMINISMO NEGRO: Uma perspectiva do discurso ideológico na desigualdade histórica da mulher negra. **Revista Porto das Letras**, vol. 07, Nº 01. 2021. Trilhas linguístico-literárias: conexões e fenômenos fronteiriços. **Uma abordagem conceitual sobre as noções de Raça, racismo, identidade e etnia.** In: BRANDÃO, André A. P. (org.) Programa De educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: Eduff, 2004. P.17-24.

Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil (4ª edição). DataFolha/FBSP, 2023. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-4a-edicao-datafolha-fbsp-2023/>. Acesso em: 18 de outubro de 2024.